



Associação Brasileira de
Cirurgia Pediátrica
Fundada em 30 de janeiro de 1964



Associação de Cirurgia Pediátrica
do Estado do Rio de Janeiro

CARTA ABERTA À IMPRENSA

São Paulo, 14 de agosto de 2021

A Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica (ABCP) vem se pronunciar aqui sobre a questão – amplamente divulgada na imprensa – de um jovem colega que publicou [em redes sociais uma história falsa a respeito de uma cirurgia salvadora da vida em uma criança, relatada de maneira comovente, à guisa de autopromoção](#). A história, lamentável, inclusive considerando a juventude do colega, ainda em formação, será, certamente, resolvida através de processo judicial aberto pelos responsáveis pela criança. O colega também já pediu desculpas publicamente, mas alguns aspectos precisam ser ressaltados.

O primeiro é que embora a questão envolva primariamente um paciente pediátrico cirúrgico, o médico envolvido NÃO É cirurgião pediátrico, nunca foi treinado nesta área de especialidade e se encontra ainda em formação em outra área de trabalho (cirurgia plástica). Aparentemente a escolha de um relato de caso de alto risco numa criança foi claramente planejado como marketing pessoal, possivelmente considerando a comoção que doenças graves e risco de morte em crianças inspira – compreensivelmente - na sociedade. O nome é oportunismo.

Esta é uma questão séria para nós, cirurgiões pediátricos especializados fazendo este trabalho todo dia (e noite): para nós o atendimento às crianças com doenças cirúrgicas, em especial de casos graves, deve ser encarado como um trabalho técnico especializado para o qual profissionais são (e precisam ser) rigidamente treinados, não um instrumento de prestígio, caridade, comoção ou publicidade. Crianças adoecem, infelizmente, e devem ser tratadas com seriedade por quem é treinado para isso e consegue os melhores resultados. Cirurgia Pediátrica é o nosso trabalho, não um milagre, sorte ou genialidade de indivíduos. Cirurgia Pediátrica é a

nossa responsabilidade. Para isso dedicamos a vida, o tempo, a resiliência e a capacidade de pesquisa e organização, como pessoas e como grupo.

Finalmente, gostaríamos de propor uma reflexão, que nos parece urgente, com relação à exposição de médicos e atos médicos em redes sociais e imprensa leiga.

Reconhecemos que as redes sociais são instrumentos de comunicação que vieram para ficar, mas é necessário um cuidado ético muito grande para seu uso profissional. Não é razoável que marketing de médicos seja visto ou executado à semelhança de marketing de vendas. Não é razoável médico funcionando como *“influencer”*.

Temos um código de conduta (o Código de Ética Médica), que diz que médicos não podem divulgar nem insinuar que são especialistas em uma área em que não são titulados, não podem se posicionar como detentores de alguma capacidade privilegiada ou algum método “milagroso” ou exclusivo, não podem fazer propaganda enganosa ou não científica, não podem prometer resultados irrealistas.

Obviamente médicos não podem se apresentar de forma sensacionalista. Evidentemente não podem mentir (a questão discutida aqui, infelizmente, é um estelionato).

É fundamental respeitar a profissão, a sociedade e os pacientes. É essencial perceber que atos têm consequências, inclusive em longo prazo, para a coletividade profissional e a sociedade inteira.

O principal instrumento da relação médico-paciente é a confiança. Ela vem da responsabilidade, treinamento sólido e correto, educação continuada e comprometimento dos profissionais. E não pode ser vendida ou negociada.

Associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica (CIPE)

Associação de Cirurgia Pediátrica do Estado do Rio de Janeiro (CIPERJ)